

O ódio! Serpente que semeia a discórdia e a morte entre os homens. Desde os primórdios da vida humana, este funesto sentimento se destaca entre todos os outros sentimentos comuns ao genero humano. Como causa primaria da existencia do ódio temos que destacar a possessão — propriedade privada — das coisas, bens, dinheiro, mulheres. Ódio do potentado contra a gente pobre. Ódio da gente pobre contra o potentado. Sempre ódio, portanto, e nunca sincera fraternidade: Isso se verifica em toda a parte, em cada coração, e muitas vezes faz de um homem um assassino.

# O REINO DO ÓDIO

Corrói a mente e torna Faz de um potentado um miserável, de um miserável um potentado. Lancemos um olhar ao nosso redor abrangendo toda a Terra. Que vemos? Em primeiro lugar, como sempre, o ódio, os povos divididos em facções inimigas, odiando-se entre si. A serpente do ódio espalha o veneno das dissensões. Homens que se batem por interesses que não são seus. Ódio e hipocrisia são as bases das relações hu-

manas. Não obstante o desejo reciproco de exterminar-se, estipulam tratados de amizade cuja função é manter o dominio da humanidade. Ninguém vê, e aqueles que veem fingem não ver; o genero humano caminha para a catástrofe irremediavel da destruição com uma inocencia quase infantil, confrangedora. A historia, a de ontem, nada nos ensina; a historia de hoje continua a registrar os er-

ros do passado. Todos se inclinam covardemente ao conceito de "menos manteiga, mais canhões". Que fazer diante desta absurda concepção da vida tomada como a suprema verdade da consciencia moderna? O nivel da mente hodierna, especie daquela criancinha que na maioridade hão sentido de repente as delicias do fanatismo nacionalista, e baixo, muito baixo, e será o mesmo que em proximo porvir se tornará portador da

responsabilidade das consequências de uma nova guerra, por causa do seu abstenciosismo nas lutas politico-sociais. O dia em que uma sereia de alarme os fizer fugir dos campos narcotizantes de calcão e das preciosões lamuriasas cantando hinos à paz, aquele será para mim um grande dia, porque lhes poderei gritar nas faces: Do vosso fanatismo esportivo e religioso procurei agora fazer um abrigo para guardar-vos da chuva granítica das bombas destruidoras das guerras. MARIO CARLI

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1951

ANO 33 — NUM. 31 (Nova fase)

# A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00 — Caixa Postal- 5739)

Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

"A submissão dos trabalhadores ao Capital é a fonte de toda a escravidão politica, moral e material". (Dos Estatutos da A. I. F.)

## O Carnaval que Passou...

Bem, o carnaval que passou foi como todos os carnavais passados, e, provavelmente, como os carnavais futuros. O balanço dos males causados pela estupidez foliônica que nesses tres dias exterioriza todas as paixões morbidas, vem acusado em todos os jornais de quarta-feira de cinzas: acidentes, defloramentos, brigas, embriaguez, suicidios, e toda uma serie de acontecimentos tragicos que passam pela cronica politica desses dias. Deixando de parte os tres mil e tantos casos que sucederam somente em São Paulo e Rio, e apenas aqueles de que se teve conhecimento pelos jornais há um que caracteriza perfeitamente a bestialidade da turba envilecida pela orgia carnavalesca: um homem que teve a infelicidade de cair quando passava um cordão, foi pisado por todos os componentes do mesmo que passaram gingando e cantando por sobre o seu corpo, deixando-o cadaver! Não havia naquele cordão uma só pessoa dotada de sentimento: apenas a loucura, a criminoso loucura dos foliões se manifestou naquele conjunto de ebrios da gargalhada, de mascarados assassinos. Passaram todos, e um homem ficava ali estendido, pisado, morto. Uma vida humana fora roubada aos afetos da familia, talvez um pai que deixava filhos na orfandade, um marido que deixava a tristeza da viuvez em um lar possivelmente feliz. Ninguém se preocupou com aquele homem que uma corja de assassinos fantasiados pisou aos pés e matou. E' assim o carnaval, cuja origem se perde nas ruínas de imperios construidos pelos braços de povos escravos que sentiam nas costas sangrentas a sinfonia de chicote e ouviam o tilintar tragico, metalico, das pesadas correntes que atestavam a sua vergonhosa escravidão.

Alguem disse que nos tres dias de carnaval todos tiram as mascaras. Pois todos pretendem manifestar as suas tendencias morbidas afivelando a mascara de rosto e descobrindo a da alma. De qualquer forma, o Carnaval deve ter uma origem bastante estúpida. Tudo nas manifestações carnavalescas é brutal, animalesco, loucura! Tem-se a impressão de que a humanidade, nesses tres dias de falsa alegria, de riso forçado, desanda a bailar a sarabanda louca do tédio represado exibindo-se no can-can psicopatico das irresponsabilidades.

Felizmente, observa-se no povo uma tendencia bastante acentuada, ao menos em São Paulo, de decadencia dessa mistificação de festa popular. Parece que o povo adquiriu maior sentido de respeito a si mesmo e fica apenas espianando o carnaval. Há como que a vergonha de ser apanhado em flagrante de bestialidade, e receio de ser tomado em ridiculo. Já não se mascara, não se fantasia, sai á rua apenas por curiosidade, para ver os "bobos" que ainda são capazes

de o fazer. Desapareceram os corsos, as lutas de confetis e as serpentinhas e apenas um ou outro desconsolado passa empunhando, intacto, talvez vazio, um tubo metalico, dourado a purpurina, de lança-perfume...

As fantasias ficam nas vitrinas de algumas casas do centro da cidade, poucas, que ainda se aventuram a provocar no paulistano, um entusiasmo carnavalesco que já não sente.

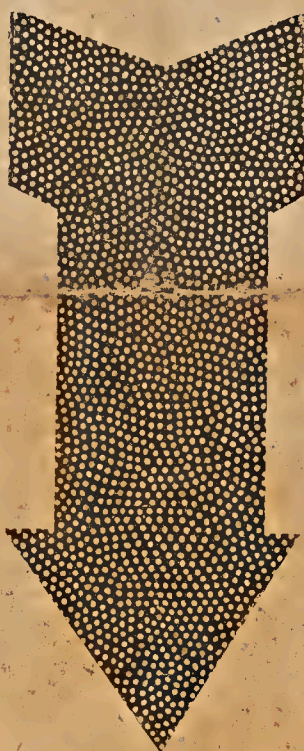
A gente enche as ruas. Mas enche-as de curiosidade, de feições cansadas de andar por aí á procura do carnaval que não encontra. E' bom que isso aconteça, porque no futuro, na sociedade anarquica, não haverá carnaval. E não haverá carnaval por uma razão muito simples: os homens não sentirão a necessidade de aproveitar apenas tres dias por ano para manifestar uma alegria falsa, mascarar a dor com o ritus de gargalhadas cínicas. Livres, gozando a plenitude de uma vida farta, eles poderão manifestar durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano a verdadeira alegria, a alegria de viver em liberdade!

O presente cliché, reprodução em facsimile de um cartão postal distribuido pelos camaradas italianos, é uma contestação vigorosa ao pessimismo entorpecente daqueles que dizem que o anarquismo é um movimento sem expressão que vive apenas na mente de uns poucos visionarios que andam no mundo da Lua!

Representa um quadro confeccionado com os cabeçalhos dos jornais anarquistas que se publicam em todo o mundo, incompleto, porque nele faltam algumas centenas de outros jornais e revistas que surgiram depois de 1948 e muitos outros cuja circulação foi temporariamente suspensa por causa das condições politicas dos respectivos países e que estão sob o dominio de ditaduras asfixiantes.

E' preciso ter em conta que nesse quadro figuram apenas os jornais que têm projeção internacional, não sendo incluídos os pequenos periódicos de grupos e associações locais de todos os países, que refletem a orientação das respectivas

## IMPRESNA ANARQUISTA DE TODO MUNDO



## Problemas da Mulher

Um amigo me faz as seguintes perguntas: — Qual é a sua opinião sobre o trabalho feminino na vida social? Que aspiração anima a mulher na sociedade atual?

Estas duas perguntas, a meu ver, se completam e constituem um motivo sedutor de estudo para aqueles que se interessam por estas questões.

A aspiração da mulher na sociedade atual, digamo-lo sem reboços, é a liberdade. Aspira á emancipação economica e á liberdade de seus atos; isto é, á liberdade de agir e viver integralmente.

E' inegavel que essas aspirações contem um... legitimo anseio de justiça. Porém, devemos refletir que a noção exacta de liberdade implica na realização de uma satisfação interior.

De tudo isso deriva o desequilíbrio existente entre o anseio e a realidade. Por outra parte, a organização social capitalista se assemelha ao tonel das Danaides. Uns se precipitam sobre os outros movidos pelo impulso voraz de achar o conquistador e seu lugar ao sol, acabando por ser todos absorvidos na voragem da civilização industrial.

A mulher deu a este anseio de liberdade o titulo de emancipação feminina, emancipação conexas, no fundo, com a emancipação em geral. Problema complexo e difficil; o proprio Diogenes se veria obrigado a pendurar a sua lanterna ante a impossibilidade de encontrar um "homem ou uma mulher". Porque o

rebanho humano, que se oferece á nossa vista, é composto apenas de sombras; sombras de mulheres e de homens...

Emancipar-se, caros amigos — é caros amigas, equivale a conhecer-se; portanto, emancipar-se implica realizar-se.

Emancipar-se não consiste em "vencer" na vida, arruinando os outros e tomando de assalto os lugares já ocupados por outros. Nada disso. Semelhante conceito é inspirado pelo egoísmo que nos faz pensar na nossa emancipação economica individual, ao nosso bem estar material, na nossa "independencia". Mas... e os outros? E esta interminavel precissão de seres humanos sacrificados ao Meloch da civilização?

O individuo pode ser verdadeiramente feliz, na sua ampla aspiração libertaria, quando essa mesma liberdade não implique no sacrificio dos seus semelhantes. De que nos serve que dez ou algumas centenas de mulheres tenham conseguido posições "privilegiadas", quando a maior parte não sabem nem mesmo no que consiste a emancipação?

E' um fato que neste regime absorvente, de concorrencia economica desleal, não há ninguém que se possa considerar verdadeiramente emancipado; nem entre os homens nem entre as mulheres.

Quando — alguns anos atrás — escrevi "Renovação", tinha em vista a necessidade de me livrar dos trabalhos "economicos" da infamia de serviço domestico, da escravidão das "coisas femininas". E trabalhava como professora para descarregar sobre as costas de outras mulheres os serviços domesticos que me cabiam a mim. Bela emancipação!

Não creio absolutamente que os "fazeres domesticos" sejam incompatíveis com a dignidade "masculina". Não desejo que a mulher seja considerada como a servidora do homem. E cuido este culto pelo "macho" a menos que tal "culto, ou affecto, seja um ato espontaneo. E' absurda a pratica das mães que obrigam as filhas a servir os seus irmãos, como se as meninas houvessem nascido com a marca da servidão.

Portanto, a mulher deve emancipar-se também da tutela da maternidade assim como do "culto" pelo homem. Tudo tem um limite. Si na primeira infancia, as crianças precisam de infinitos cuidados, isto não é uma razão para que a mãe deva sentir-se obrigada, pelo "dever materno", a sacrificar-se pelos filhos incondicionalmente durante toda a sua vida.

Na pequena burguesia e no proletariado, a mulher é escrava dos "deveres domesticos" e da maternidade absorvente, ao ponto de não a deixarem respirar com liberdade, porque por mais que faça, está sempre sob o peso das exigências da casa e dos filhos.

Tanto o macho como a fema têm necessidades corporais; portanto, o esforço deve ser pessoal, tendo em vista a necessidade da propria subsistencia e assegurar-se a propria higiene e harmonia organica.

Este é o caminho. Porém... Nós sabemos, todavia, o que é o caminho da liberdade. Mas preferimos ser escravos, viver sujeitas a necessidades illusórias, expondo-nos a ser victimas da civilização industrial. Todas as dificuldades poderiam ser superadas e vencidas. A vida seria simples, graças ás vantagens do verdadeiro progresso, se cada um conhecesse o valor do esforço e soubesse adaptar-se a máxima: "Ama os outros como a ti mesmo".

M. L. M.  
(De "Ruta" de Tioul)



# NO ANO 2.000...

Achamos interessante tornar conhecidas as palavras de M. Bertholot, pronunciadas em um discurso durante um banquete do gremio de fabricantes de produtos químicos, alguns anos após a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, citado por Anselmo Lorenzo no livro "Proletariado Militante".

Achamos isso interessante porque M. Bertholot tem, já naquela época, uma visão arrojada do que será a vida no ano 2.000, talvez com um pouco de fantasia, mas, em todo caso, a nossa era atômica parece confirmar o seu vaticínio. Diz M. Bertholot:

"No ano 2.000 não haverá agricultura, nem pastores, nem labregos; o problema da existência pelo cultivo do solo estará suprimido pela química. Não haverá minas de carvão, nem greves de mineiros por consequente; nem combustível, nem adubos, nem guerras, tudo substituído por simples operações físicas e químicas que contarão com as forças produtoras extraídas dos mananciais inesgotável do calor solar (energia atômica) e o calor central do nosso globo.

"Ao fundo de poços de três ou quatro quilômetros irão os engenheiros buscar o calor central, fonte de energia termo-elétrica sem limites e renovada incessantemente. Quem diz fonte de energia calorífica ou elétrica, diz fonte de energia química. Com tal fonte, a fabricação de toda a sorte de produtos químicos é fácil, econômica, em todo tempo, em todo lugar, em qualquer ponto da superfície do globo.

"Ali encontraremos a solução econômica do maior problema cuja solução depende da química: o da fabricação de produtos alimentícios. Em princípio já está resolvido: a síntese das graxas e dos azeites vem sendo realizada desde há 40 anos; (o autor pronunciou este discurso aproximadamente em 1876) — a dos azeites e a dos hidratos de carbono se realiza com facilidade em nossos dias, e não está longe a possibilidade das sínteses de corpos azotados. Assim, é preciso não esquecer, o problema dos alimentos é um problema químico. O dia em que se consiga resolver economicamente o problema da energia, não se tardará muito em fabricar alimentos completamente artificiais, com o carbono extraído do ácido carbônico, com o hidrogeno e o oxigenio extraídos da água, com o azoto que nos dá a atmosfera.

Então cada qual levará em pastilhas ou

## Causticos Sociais

"Fauzi Buassaly, um indivíduo que conta com varias passagens pela policia, cujo passado não é dos mais limpos, procurou o juiz corregedor Murilo Matos Faria, pouco antes do meio-dia de sexta-feira ultima.

E contou-lhe que fôra realmente ladrão. Andou por ai, trilhando o caminho do mal, aplicando alguns golpes, sofrendo constante perseguição da policia. Depois, cansado de percorrer o mau caminho, cansado de ser preso ou andar fugindo da policia, resolveu regenerar-se. E foi o que fez há algum tempo, procurando um emprego e passando a trabalhar honestamente.

### PRESSÃO DE UM POLICIAL

Continuando no seu relato ao magistrado, contou Fauzi que se é verdade que a maioria dos elementos policiais, quando delibero abandonar a vida de maíndragem, deixou-o em paz, alguns poucos continuaram perseguindo-o. E é por isso que compareceu no Foro, a fim de fazer grave denuncia. Disse que fôra abordado pelo investigador Orlando Ribeiro, contratado da Delegacia de Roubos, que lhe exigiu a quantia de mil cruzeiros. Caso contrario, levá-lo-ia para o Departamento de Investigações. Fauzi procurou, de todas as maneiras, mostrar ao policial que já não era mais ladrão, que se encontrava regenerado, trabalhando honestamente. As suas palavras e argumentos, entretanto, de nada adiantaram. Orlando Ribeiro, denunciando os seus intentos de "achaque", não mudou o seu ponto de vista.

— "Solte a 'galta' ou vai em cana". Isso que ni esta é uma nota de reportagem publicada pelo jornal "A Noite" de São Paulo, no dia 12 do corrente, da mesma forma que foi publicado tambem por outros jornais. Mas estas coisas podem ser lidas quase todos os dias, porque isso é o Estado, a estrutura social do capitalismo, a organização social em que vivemos. A sociedade faz o ladrão; persiga-o por ser ladrão pondo-lhe a sombra de um policial a vigia-lo constantemente. Para fugir a essa sombra, o ladrão resolve fazer-se homem honesto e procura um emprego. E a sombra do policial obriga-o de novo a ser ladrão para sustentar-lhe a familia que está na miséria... Isso é o Estado!

em pequenos frascos - a sua alimentação completa, fabricada economicamente, sem temor da chuva ou da seca e sem microbios possíveis.

"Aquele dia a química terá realizado no mundo uma revolução radical de alcance incalculável.

"Não haverá campos cobertos de menses, nem vinhedos, nem prados cobertos de cabeças de gado. O homem adquirirá maior doçura e moralidade porque já não viverá da carneiría, da matança e das criaturas vivas. Não haverá distinção entre as regiões férteis e as regiões estérteis. E' possível até que os desertos da areia sejam os pontos prediletos de residência das civilizações humanas, porque serão mais saudáveis que estes aluviões pestilentos e estas cháps encharcadas e pantanos que são os redutos da nossa agricultura.

"E não desaparecerá por isso a beleza, si a superfície terrestre cessa de ser utilizada e, porque não diz-lo, desfigurada como hoje está pelos trabalhos geometricos do agricultor, voltará a cobrir-se de verde, de bosques, de flores... a terra será um vasto jardim, em que reinará a lendaria cidade de ouro.

"Para que a realidade se realize é preciso trabalhar, e por isso o homem do ano 2.000 trabalhará com zelo, porque gozará o fruto de seu trabalho, e nesta remuneração legítima e integral, todos os homens encontrarão os meios para alcançar até ao extremo a sua perfeição intelectual, moral e estetica."

M. BERTHOLOT.



Aspectos como este que aqui estamos vendo, de crianças deixadas ao abandono enquanto as mães vão trabalhar nas fabricas para atenderem ás necessidades dos encargos da familia, que ultrapassam as possibilidades dos salarios dos respectivos pais, são comuns nos bairros onde mora a pobreza. Alimentam-se como podem, muitas vezes nem se alimentam e ficam "matando" o tempo em companhia de outras crianças que, como eles, vivem a mesma vida de abandono e miséria. Destes monturos saem para engrassar as fileiras da criminalidade infantil...

# O Sentido Artístico do Anarquismo

SOUZA PASSOS

Sempre fiz questão de frisar, em meus escritos despreocupados, que considero o anarquismo um movimento renovador não apenas como solução de um problema operário, mas sim de todos os problemas humanos. Não é a reparação de uma injustiça, mas a supressão de todos os males que afetam a humanidade, e que se pretende com a estruturação da sociedade baseada nas idéias anarquistas. Por isso mesmo não compreendo a indiferença de alguns militantes com relação ás coisas de arte. Si a arte tem uma função social, como acertadamente diz Max Nordau, não podemos nós, os anarquistas, ignorar o sentido artístico do anarquismo, uma doutrina que visa justamente realizar uma concepção artística da vida!

A finalidade do anarquismo é dar uma forma pratica, concreta, a todos os sonhos de beleza expressados pela arte. Quer dizer: o anarquismo tem por fim estabelecer uma sociedade de homens livres. Mas este conceito da liberdade não deve ser limitado no tempo e no espaço; quando dizemos uma sociedade de homens livres pretendemos dar á frase toda a amplitude que ela encerra: livres no sentido exato do conceito da liberdade. Ora, em uma sociedade de homens livres, isto é, de seres livres, homens, mulheres e crianças, todos poderão sentir e manifestar a alegria de viver, não tendo pela frente as perspectivas da miséria nem a ameaça de quaisquer sanções obrigatórias a restringir-lhes a liberdade de movimentos. E ai está a realização da mais perfeita obra de arte: dar aos individuos a possibilidade de viver artisticamente! Sim, porque a arte tem por fim embelezar a vida, isto é, tornar a vida bela através das emoções sentidas e expressadas na obra de arte.

O conceito da arte pela arte, tão mal interpretado na obra de Oscar Wilde que teve a concepção mais elevada do sentido artístico do anarquismo, não deve ser tomado ao pé da letra. A arte e a vida se confundem, ou, mais apropriadamente, se fundem para a realização de um sonho de felicidade. O homem sente, através das manifestações das suas forças criadoras, desejos de viver a sua vida emotiva e realiza a obra de arte; a arte, dando ao homem as possibilidades de manifestar as suas emoções e corporificá-las, torna-lhe a vida bela e feliz, realizando o milagre de satisfazer as suas necessidades estéticas.

Propositadamente citei Oscar Wilde, porque a interpretação que se tem dado á sua obra me parece errada. Quanto mais leio o livro "Intenções", mais fundamentos encontro na obra wildeana como afirmação de um conceito profundamente humano da arte. "Salomé" e o "Leque de Lady Margarida", por exemplo, ultrapassam as concepções da arte pela arte que se lhes querem atribuir: o sentido critico da moral social de sua época, que levou a aristocracia inglesa a condenar o poeta á prisão, tem um sentido anárquico, profundamente revolucionário.

A primeira vista parece que o anarquismo, em sua essência e filosofia, tem uma função exclusivamente politica, ou seja, a transformação da sociedade pela revolução social visando o arrebouço do Estado, sem se preocupar com os movimentos artísticos nem se imiscuir nas discussões sobre arte, pouco se importando si a arte segue uma tendência renovadora ou si se fixa nas linhas arcaicas do passado. Nada menos certo: essa é apenas a parte critico-social, destrutiva, se assim quiserem, que poderia ser dispensada se fosse possível atingir a anarquia sem a necessidade da revolução. A verdadeira essência do anarquismo, a sua razão de ser, está na obra construtiva que se propõe a realizar: estabelecer uma sociedade humana onde todos tenham direito á vida e onde todos possam manifestar livremente as suas energias criadoras. E ai está o sentido artistico do anarquismo.

Toda a obra de arte, pertença ela á escola que pertencer, tem uma função libertadora. O fato de constituir uma afirmação da personalidade, de ser a exteriorização de um estado emotivo do individuo, já é uma libertação. Mas quando a obra de arte atinge a perfeição capaz de provocar nas massas (massas humanas, não apenas massas operarias), a mesma emotividade sentida pelo artista que a produziu e criou, então a arte adquire uma função social, porque se torna sentimento coletivo.

E não concebo nada mais belo, elevado e artistico, do que o individuo livre, sentindo e manifestando as suas forças criadoras na poesia, na musica, na escultura ou em qualquer outra forma de expressão do sentimento pela arte, sem que tenha pela frente, a refreio, a tolher-lhe a vontade, essa estúpida engrenagem baseada nos preconceitos sociais e nos interesses do Estado.

Seria o homem dono de si mesmo, da sua vontade, da sua produção, transbordando em cascatas de prazer e alegria,

# Movimento Anarquista Internacional

(Serviço de correspondência da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores))

## TERRIVEIS TORTURAS NOS CARCERES FRANQUISTAS

Em um carcere de Valencia, comunicam-se, está detido, desde há algum tempo, o velho militante anarco-sindicalista Marcos Vilar Mendonça, de Sagunto, sofrendo os tratos mais deshumanos que se possam conceber. Mendonça foi detido em Barcelona, sendo mais tarde trasladado a Valencia. Durante um mês, suportou os espancamentos mais brutais. Mendonça é um velho militante que tem dedicado a sua vida á propaganda das idéias libertarias, como vendedor de livros, revistas e jornais anarquistas. Durante a guerra ocupou um cargo no Município de Sagunto, comportando-se com dignidade. Hoje, comunica-nos "um grupo de presos" através do periodico "Espanha Livre", o companheiro está em perigo de ser condenado á morte pelos tribunais franquistas.

## APELO JAPONES AO POVO COREANO

Os anarquistas japoneses dirigiram o seguinte apelo ao povo coreano: "Chegou enfim para vós a hora de decidir os vossos proprios destinos. Se abandonardes o caminho traçado da vossa redenção, chegareis a ser mais uma vez escravos da autoridade e do capitalismo.

Só há para vós um caminho possível. Vossa esperança é a existência de uma Coréia livre, justa, fraternal, e isso só poderá ser realizado se vos livardes verdadeiramente tanto dos EE. UU. como do comunismo totalitario e de todas as demais potências imperialistas. Expulsaio-os a todos, e edificaí a Coréa do povo trabalhador.

"Nós outros, os anarquistas do Japão, lamentamos de todo nosso coração que vos massacres mutuamente. Acabai em esses massacres e esforçai-vos em construir uma Coréa para vós mesmos. Nós vos ajudaremos nessa hora com toda as nossas forças até á morte ou á libertação."

## DESERÇÕES ANTI-FRANQUISTAS NO RIO DE JANEIRO

Um artigo publicado em CNT comunicava que durante a visita do vapor escola franquista Juan Sebastián Elcano ao Rio de Janeiro, grande número de marinheiros espanhóis desertaram do mesmo logo nos primeiros dias de sua estadia naquele porto do Brasil. O proprio comandante admitiu que o numero desses desertores era de 33.

Mais tarde, porém, desertaram mais 20 marinheiros, perfazendo o total de 53, de modo que o barco espanhol foi obrigado a levantar ferros com a sua equipagem bastante reduzida. Os desertres declararam que haviam deixado o barco pelas más condições de vida a que estavam submetidos e em sinal de protesto contra o regime franquista. As autoridades brasileiras não tomaram medida alguma contra os desertores.

## INTERESSANTES DECLARAÇÕES

El "Campesino", um dos mais conhecidos chefes comunistas e "generais" atalistas durante a guerra civil da Espanha, acaba de romper com Moscou, seguindo assim a atitude de muitos outros que se haviam Iludido. Publica agora artigos na imprensa francesa e revela uma serie de detalhes que, não obstante serem conhecidos, contém certo interesse para caracterizar a intervenção russa e a politica bolchevista na Espanha entre 1936 e 1939.

## O Povo Italiano condena o Regime de Franco

AIT) — No mês de novembro do ano passado, um atentado foi cometido contra o consulado da Espanha franquista em Genova; os autores desse atentado eram três jovens anarquistas italianos que tinham a intenção de levar a cabo um ato de protesto contra o terror que reina na Espanha: Gaetano Busice, De Lucchi e Mansuso. Foram presos imediatamente e o processo contra eles acaba de ter lugar em Genova. Dois militantes italianos que assistiram ás sessões do Tribunal, publicaram uma nota detalhada sobre o andamento desse processo em "C. N. T.", de Toulouse, semanario de emigrados espanhóis muito conhecido. Damos aqui alguns dados tirados da informação publicada a esse respeito.

"Os acusados mantiveram no tribunal uma atitude firme e tranquila, digna da causa que professam. Manifestaram que haviam agido com o proposito de levar a cabo um ato de protesto contra o terror franquista, que pretendiam demonstrar a sua solidariedade para com as vitimas do sistema governamental espanhol e os companheiros espanhóis que combatem o regime de Franco. Gaetano Busice declarou, entre outras coisas: "Era preciso fazer alguma coisa. Devíamos arrancar os homens da apatia que os caracteriza é empurrá-los a mirar mais além, a olhar para um povo oprimido e acorrentado; move-los, induzi-los a um ato de protesto contra as perseguições franquistas."

Todos os acusados se pronunciaram no mesmo sentido, realçando, sobretudo, a sua profunda simpatia e amizade para com os seus companheiros espanhóis, os anarquistas e sindicalistas ibéricos.

Depois o tribunal passou a interrogar grande numero de testemunhas, que se pronunciaram sobre a ação dos jovens anarquistas e o fundo politico-social da sua atitude. Entre estas testemunhas, encontrava-se a militante anarquista espanhola Frederica Montseny, que falou dos laços de camaradagem e de amizade que unem os jovens anarquistas de todos os países, porém, de uma forma especial, os espanhóis e italianos. A luta pela libertação da Espanha, disse, é idêntica á luta de libertação levada a efeito na Itá-

(Conclui na pag. seguinte)



# O CASO DA POMBA

### Uma inocente pombinha branca que dá motivos a vergonhosa exploração — O Espírito Santo engaiolado em exposição num balcão de jornal

Os leitores devem estar lembrados de que a 23 de janeiro deste ano, e nos dias seguintes, a imprensa burguesa deu grande destaque e ocupou manchetes herácticas a propósito do "milagre" de uma inocente pombinha branca que havia tomado parte em um velório, no necrotério de um hospital. Esse caso foi explorado pela imprensa capitalista como sendo obitório sobrenatural, atribuindo às virtudes beatíficas da morta certa manifestação do Espírito Santo, que assim pretendia demonstrar a "santidade" da beata professora que falecera de um mal desconhecido. E' tão grosseira a mistificação desse episódio que foi aproveitada, como muitos outros, para explorar a boa fé do povo e emburrecê-lo com a mística religiosa, que não pretendiamos tomar conhecimento desse fato. Mas, justamente por ser vergonhosa e torpe essa mistificação da credulidade publica, os próprios jornais burgueses se encarregam de desmoralizá-la. Transcrevemos do "Jornal de Notícias, de 11-2-51, o seguinte trecho de um artigo do jornalista Wandyek Freitas, a propósito de uma carta enviada áquele jornal por um leitor que se havia escandalizado com as afirmações feitas anteriormente por aquele jornalista, ao tratar do assunto. Não necessitamos fazer comentários, que poderiam parecer facciosos, dada a nossa posição de ateus e descrentes dessas tolices milagreas com que se pretende escamotear o raciocínio das pessoas simples e ingenuas.

positivas de demonstrar á segunda, a sua simpatia?

#### A VERDADE SOBRE O CASO

O fato está suficientemente explicado; uma pombinha ao ensaiar o seu primeiro vôo, entrou, ás tontas, dentro do necrotério e caiu sobre o caixão da morta, que ali estava sendo velada. Nada mais. Seria logico considerar milagroso um homem que perdesse o equilíbrio na rua e tombasse? Milagroso não é o que opera milagres? E que milagre operou a pomba? Do mesmo modo, seria adequada a expressão milagrosa para classificar o golpe indecoroso dos jornais que se entregaram á exploração da ignorancia supersticiosa do povo?

Já afirmou que a pombinha não sabe ainda voar e foi colocada sobre o caixão por um reporter de jornal; que uma vez retirada do lugar em que caiu para ali não voltou e que a pomba fotografada sobre uma cruz, no cemitério, foi adquirida no Mercado Municipal por um reporter-fotografico. Essa foto é a que foi publicada por um veespertino desta capital e pela revista "O Cruzeiro". Diante destes fatos, que pudessem comprovar, quem ousaria atribuir á pomba faculdades miraculosas ou encará-la como a materialização do Espírito Santo?



As consequências desastrosas da última guerra mundial com relação aos problemas da criança, podem ser constatados em uma noticia divulgada pelos jornais do dia 17 do corrente; 40.000 pais andam á procura dos filhos extraviados e levados na enxurrada das cidades evacuadas sob a pressão dos bombardeios e avanços de tropas, somente na Alemanha. Crianças desorientadas, encontradas á margem das estradas e perdidas no meio da confusão das retiradas; crianças que talvez tenham morrido de fome ou que foram recolhidas por estranhos e viram agora a tragedia dos orfãos de guerra, sentindo possivelmente a ausencia de afetos maternais. E' isso a guerra; é isso o Estado; é isso o capitalismo!

# CORREIO PLEBEU

A senhora Helena Ribas

Exima, sra. — Aqui vai a resposta prometida á sua carta publicada no n.º 30 desta folha.

Bem, por onde começaremos? Vamos começar pelo fim, não acha? Isto de começar pelo fim, talvez pareça um pouco esquisito, á primeira vista. Mas há muitas coisas que, pela força das circunstâncias, teráo que começar pelo fim. Vejamos, por exemplo... ah! Vejamos, por exemplo a sociedade futura, a sociedade libertaria. Ela começará pelo fim. Pelo fim da presente é claro. Deixemo-nos, porém, de divagações, e vamos ao que interessa.

Como professora que é, á certa altura da sua carta a senhora afirma: "na minha classe há crianças de todas as condições sociais, raças e côr. Na sua maioria, são, porém, filhos de operários, gente pobre, que luta com dificuldades. Entre essas crianças há uma filha de certo comerciante, que, em vista das suas condições mais favoráveis de vida, se apresenta mais bem vestida e procura manter certa ascendencia sobre as outras crianças, disputando-lhes os melhores lugares e julgando-se superior ás outras, etc. E mais em baixo:

"Esse fato, verificado em contacto com os meus alunos, fez surgir em mim uma terrível duvida: em regime de igualdade, como querem os anarquistas, os homens poderão desentender-se da mesma forma como acontece na minha classe por causa de uma criança má. Como não seria admissivel impor aos homens que

portventura pretendessem, por serem maus ou diferentes, perturbar a boa harmonia da coletividade, seria difícil á solução da ordem sem a autoridade. Como acham os anarquistas que isso poderia ser resolvido?"

Veja bem, senhora (ou senhorita) Helena; eu transcrevi propositalmente na integra todo esse trecho da sua carta afim de o analisar-mos atentamente. A senhora pergunta aos anarquistas como resolveriam o problema dos homens maus em um regime de igualdade, e, de ante-mão, a senhora mesma se dá a resposta. Mas não faz mal. O objetivo, aqui, é dar a nossa resposta, a resposta dos anarquistas, á pergunta que a senhora lhes dirige; e se o autor destas linhas, que se incumbiu dessa tarefa, não conseguiu fazê-lo com clareza e precisão, paciência.

A senhora diz: "por causa de uma criança má. Mas a criança "má não é propriamente uma causa e sim um efeito. Isto é, a sua maldade, é um efeito. E qual é a causa deste efeito? A senhora mesma o proclama: "suas condições mais favoráveis de vida". Ora, se a existencia de pessoas "más", crianças ou adultos, é uma consequencia lógica das melhores condições de vida de um certo numero de criaturas, em prejuizo de outras, é intuitivo que em um regime de igualdade essas pessoas não teriam razão de ser. Isto é, não teria razão de ser a sua maldade, porquanto neste regime não haverá commercio, o que equivale á dizer que não haverá comerciantes. Se já estivéssemos em regime de igualdade e os homens continuassem a não se entender, aí sim, se poderia afirmar que tal regime se constituiu na maior frustração que a humanidade criara contra si. Quando quisermos falar dos maus dentro da organização social presente, devemos procurar a causa dessa maldade também dentro desta mesma sociedade. Mas afinal o que devemos entender por bons, maus, ordem, autoridade, etc. Até aqui tem-se exercido, em nome da ordem e da boa harmonia da coletividade, a autoridade; e isso, essa autoridade, exercida pelos maus contra os bons, tem dado, como resultado, essa tremenda desordem que reina por este mundo agora, estabelecendo, entre os homens, a maior das desharmonias.

Eu quisera, senhora Helena, proseguir com estas linhas; quisera fazer-lhe, sob o ponto de vista pedagógico, algumas perguntas em torno da menina "má". Quisera, outoosim, conversar um pouquinho consigo acerca das suas convicções religiosas. Mas estamos em cima da hora, como se diz vulgarmente. "A Plebe" está para entrar na máquina. De sorte que, vamos deixar o resto para o próximo numero. Entretanto, desde já pode escrever para esta coluna, caso tenha alguma objeção á fazer ou então se pretender alguma explicação de qualquer trecho no qual eu, eventualmente, tenha sido confuso.

OSVALDO SALGUEIRO

## NOSSAS CONTAS

MOVIMENTO FINANCEIRO DO JORNAL ATE' O NUMERO 30 — DA NOVA FASE —

Entradas:  
Contribuições avulsas: São Paulo: P. B., 40,00; Julieta, 40,00; J. E., 10,00; R. A., 10,00; J. S., 20,00; J. S., 20,00; J. S., 10,00; A. R., 30,00; L. O., 15,00; D. S., 60,00; Barreto, 20,00; H. M., 50,00; Grupo Teatral, 4.000,00. TOTAL: 4.305,00.  
Campinas: Por int. de A. P., 60,00; A. P., 60,00; O. F., 20,00. TOTAL: 140,00.  
Sorocaba: Por int. de M. T., 80,00.

Contribuições mensais:  
A. L., 100,00; L. G., 110,00; G. F., 100,00; R. F., 100,00; A. R., 400,00; C. A., 100,00; M. T., 200,00; E. L., 400,00; A. L., 100,00; A. V., 500,00; B. 300,00; F. G., 100,00; O. S. 100,00. TOTAL: 2.610,00.

Venda Avulsa: — 236,50.  
Venda de Livros: — Por int. de L. P., 125,00; Rio: Por int. de I. P., 325,00. TOTAL: 450,00.

Saídas:  
Impressão dos n.ºs 29 e 30 6.000,00  
Compra de sélos . . . . . 131,50  
Compra de goma e barbante . . . . . 34,00  
Remessa para o Rio . . . . . 60,20  
6.225,70

CONFRONTO:  
Saldo anterior . . . . . 766,00  
Saldo por int. de A. P. . . . . 120,00  
Entradas deste mês . . . . . 7.948,50  
8.832,50

Saídas . . . . . 6.225,70  
SALDO . . . . . 2.606,80

## Luta de Classe ou Luta Humana?

Não poucas vezes a gente supõe encontrar-se frente a situações novas que reclamam solução diversa daquela que havia sido prevista em outras ocasiões; depois, por fim, nos damos conta que são sempre as mesmas questões que se apresentam em momentos diferentes mas que em nada modificam os factores do problema e a possibilidade da sua solução. A discussão que agora se recendeu entre alguns companheiros, não constitui novidade nem apresenta razões diversas daquelas que por muitas vezes já foram debatidas.

Ainda há pouco tempo, em "Unanità Nova", Alfonso Failla realçava com muita clareza o perigo do mito de "classe", posto em relevo num projeto de "Declaração de Principios" apresentada em alguns convenios regionais do nosso movimento. Failla diz, e é bom sublinhar-lo: "nós, os anarquistas, não negamos a importancia predominante dos conflitos entre as classes homogêneas e as classes que lhes estão sobrepostas, ou seja, entre as classes operarias e as classes patronais, mas o anarquismo não se limita a esta visão restritiva dos conflitos sociais; procura atingir com sua critica a todas as especies de sujeição, seja esta economica, religiosa, politica ou moral." Está bem, mas não é suficiente. Creio que é necessario acentuar mais fortemente essa questão de "classe", porque esta tentativa de reaviver questões e situações que já foram superadas, pode redundar, além da confusão, em verdadeiro perigo de degeneração do anarquismo. Torna-se indispensavel realçar, com maior precisão ainda, que, mesmo sem negá-lo, o conceito de "classe" já foi superado pelo anarquismo e pela luta anarquica. Na maneira e forma em que foi posta a questão — (luta de classe, elemento unico e basilár da luta anarquica) — há uma grande contradição com os principios do proprio anarquismo, porque nessa expressão reside precisamente o ultimo refugio do autoritarismo.

A experiencia das realizações e organizações do "socialismo" em alguns países vem demonstrando, com uma clareza fulgurante, até onde tais experiencias permitem o confronto entre "causas e efeitos", que a "luta de classes" traz consigo, inevitavelmente, a supremacia de uma classe sobre as outras, conduzindo a questão ao conceito autoritario, e isto não apenas nas suas conclusões finais, mas, em muitos casos, até mesmo na pratica cotidiana.

E' preciso ainda não esquecer outro factor importante, que é o da impossibilidade de fixar a formação e conformação das classes e, por conseguinte, encontrar aquela "homogeneidade" — porque não existe — das classes em luta.

Pretender circunscrever a questão da "nossa" luta a estas bases, constitui uma tentativa no sentido de restringi-la e privá-la de outros elementos que lhe dão maior elasticidade, possibilidades mais amplas de penetrar mais a fundo nas causas e essencia da luta em que estamos empenhados. Em linhas gerais, quando iniciamos uma ação contra o capitalismo ou contra o Estado, faze-mo-lo, sobretudo, mais porque nos move a concepção que temos da justiça, da igualdade e da liberdade, do que pelo fato de sermos membros de uma classe economica; porque temos em vista a verdadeira revolução, não um simples movimento de rebelião que apenas nos poderia conduzir ao triunfo de uma classe, transportando assim o problema, mas não o resolvendo.

Temos sob os olhos uma experiencia viva confirmada em factos, e cada dia vemos repetir-se o mesmo fenomeno. Até mesmo nas observações cotidianas, aquilo que deveria ser a "luta de classes" nos oferece um espectáculo contrario ao que deveria chamar-se luta dos exploradores. Para defenderem os proprios privilegios, os exploradores atiram aos explorados uns contra os outros, criando toda uma serie de pequenos interesses que ligam a eles uma parte dos proprios exploradores e todos se empenham na defesa dos "grandes" privilegios. E são os trabalhadores, cujos frutos de trabalho lhes permite apenas viver uma vida de miséria e humilhações, que se transformam nos verdadeiros pontilhões do actual estado de sujeição economica, politica e moral. Chegamos assim á conclusão de que ao lema "todos os trabalhadores são irmãos" é preciso opor o nosso lema "todos os homens são irmãos" —, que implica na superação do conceito de "classe" e por conseguinte na solução radical do "dominio" de uma classe que implicitamente está contido naquela.

Com isto não pretendemos negar que na luta pela revolução em que estamos empenhados encontraremos senão quase exclusivamente as massas operarias, certamente a maior parte destas, porque é evidente que os mais rebeldes, os mais interessados na luta serão sempre aqueles que mais directamente sofrem as consequências das injustiças sociais, em

cujos sentimentos é mais facil radicar-se a aspiração e a vontade de suprimir as causas de seu sofrimento.  
E' esta a razão pela qual nós, em um modo particular, nos dirigimos ás classes operarias, mas não somente e exclusivamente a elas. Si assim não fosse, se agissemos de outra maneira, como aconteceu com o "socialismo" e o "bolchevismo, também o anarquismo cometeria o erro de conduzir os trabalhadores a não pensar como "homens". Não duzir os trabalhadores a não pensar como "homens". Não podemos, pois, esquecer um outro elemento importante que entra em jogo nas lutas de anarquismo para a conquista de um mundo novo: a força das idéias.

As idéias têm o seu valor. Nós vemos que os homens são unidos ou se dividem, mais talvez do que pelos interesses mutuos, pela comunhão das idéias que professam. E é talvez neste fenomeno que poderemos achar as razões da tragedia de velho sindicalismo, porque mesmo entre os operários que exercem o mesmo mister, trabalhadores da mesma fabrica e explorados pelo mesmo patrão, mesmo entre esses as idéias determinam uma conduta diferente.

Escrevia um nosso companheiro argentino há muitos anos atrás: "E' bem possível que em alguns individuos a ideia de justiça nasça do interesse pelo que é justo, mas é tambem verdade que o interesse pelo que é justo nasce da ideia de justiça." A ideia de classe e dos interesses absolutos de classe, como mola propulsora da ação dos trabalhadores na sua luta revolucionaria, equivaleria a excluir quase naturalmente a ação das idéias, enquanto que, agora mais do que nunca, vemos que não é assim; ao contrario, percebe-se um certo "fatalismo", mais nocivo que inexistente, porque as classes operarias não são chamadas "fatalmente" nem a substituir as classes burguesas, nem a mover-se em determinado sentido. Este fatalismo, se fosse real, excluiria todo criterio da luta em busca de uma solução humana, porque, nesse caso, a luta seria fatal... Entretanto, há um elemento importante que entra nesta luta como factor decisivo de direção: a vontade. Malatesta sublinhou com muita importancia este principio, e sem haver a necessidade de citar particularmente qualquer escrito seu, bastará que nos recordemos de algumas das publicações que levaram o seu nome como responsável: "Voluntá" o "Pensiero e Voluntá", que são, por si só, um programa, mas, sobretudo, um incitamento. E Luigi Fabbri, completando o pensamento malatestiano, afirmava: "A luta anarquica é "humana", seja pelo escopo final a realizar, o conceito de fraternidade entre os homens, seja pelo escopo immediato de superior humanidade em nós mesmos e em torno de nós, tanto quanto possível".

Ora, a minha opinião não pretende ser — o que seria absurdo — exgotar os temas sobre esta questão, mas antes a preocupação de levar as idéias a esse terreno da discussão, para que esta não fique no ambito do personalismo, mas se espalhe e atinja o campo das idéias.

UGO FEDELI

## O SENTIDO ARTISTICO DO ANARQUISMO

(Conclusão da pag. anterior)

vista o caso da Espanha. Jámais o franquismo conseguirá destruir, em sua essencia, o que de pratico realizaram os anarquistas com as coletividades de Aragão, enquanto lhes foi possível controlar a obra revolucionaria.

Quanto ás relações do nosso movimento doutrinario com os movimentos artisticos, não quero perder a oportunidade de salientar que aos anarquistas devem interessar todas as manifestações de caracter artistico, porque na arte se encontram fundamentados os principios esteticos da futura sociedade e, consequentemente, do anarquismo. E' claro que, como todas as coisas nesta sociedade mercantilizada e sofrendo as consequências do desequilibrio social do principio de autoridade, a arte, hoje, está a serviço do capitalismo: sofre-lhe as desastrosas influencias e adapta-se ás suas conveniencias. Mas em uma sociedade anarquica, quando o artista seja absolutamente independente e livre, a arte terá possibilidades de se desenvolver dentro de uma função social a serviço da coletividade.

De qualquer forma, arte e anarquismo se confundem pelo sentido comum da perfeição estetica e de ética social. A arte procura uma forma de independencia que só o anarquismo lhe pode dar; o anarquismo, procurando na organização social uma realização pratica de éticismo coletivo, está desempenhando um papel artistico da idealização de um mundo diferente: o comunismo libertario.

## A publicação de «A Plebe»

O sistema de contribuições mensais por parte dos elementos que sentem a necessidade da publicação do nosso jornal, que não conta com outra fonte de renda e não tem publicidade de anuncios nem a materia paga dos jornais capitalistas, está assegurando a saída normal de "A PLEBEI. Entretanto, e aqui deixamos o nosso apelo nesse sentido: torna-se necessaria maior cooperação do elemento intelectual, afim de não sobrecarregar de trabalho os componentes da sua redação, que não dispõem de tempo e roubam ao descanso as horas que dedicam á confecção redatorial do jornal.

Os companheiros que têm facilidade em escrever devem colaborar, auxiliando assim, intelectualmente, a realização desta obra necessaria á divulgação dos principios que orientam e justificam a existencia de A PLEBE.

## O ESTADO E A PROPRIEDADE

"A propriedade é a raiz de todo o mal e de todo o sofrimento, e há um risco de conflito entre os que possuem bens superfluos e os que nada possuem". Pois que, para manter-se, deve a propriedade tornar-se necessariamente defensiva e mesmo agressiva. A violencia é indispensavel para adquirir a propriedade, para aumentar os bens existentes e ainda para defendê-los. Por isso a propriedade cria o Estado para sua proteção e por sua vez, o Estado para garantir sua existencia cria nas formas organizadas do poder secular, o exercito, a justiça, "todo esse sistema de sujeição que só serve para proteger a propriedade", e "aquele que se subordina ao Estado e que o reconhece, expõe sua alma a esse principio da força. Segundo a concepção de Tolstói, mesmo os homens aparentemente independentes, os intelectuais, sem se aperceber servem, no Estado moderno, apenas para manter um pequeno numero de privilegiados na posse de seus bens; "até na Igreja de Cristo (que "em sua verdadeira significação se levantava contra o Estado") chega a haver quem, "por meio de doutrinas mentirosas", se afaste do seu mais escrito dever, bendizendo as armas, fornecendo argumentos á ordem estabelecida, — que não é senão injustiça.

STEFAN ZWEIG — fazendo a biografia de Tolstói.



O sentido de desordem que o vocabulário do capitalismo e do Estado dão à palavra Anarquia, sentido que se tem generalizado em lugar comum, ocasiona gravíssimos erros de interpretação ao princípio de liberdade. É frequente ouvirmos, a propósito da propaganda anarquista, comentários em que os adversários do anarquismo deixam transparecer o pavor de se ver um dia a humanidade á redea solta, tomada de loucura assassina e da mania de latrocínio, si o Estado desaparecesse e com ele os meios de repressão do capitalismo: policia, prisões, tribunais, etc. Nem por sombra passa pela mente desses comentaristas a idéia de que as causas da desordem, do crime e de todas as outras coisas más que caracterizam o regime em que vivemos, residem justamente na existência do Estado e da propriedade privada.

Si não existisse a propriedade privada — "A propriedade é um roubo"... — não haveria necessidade da existência do Estado para garanti-la;

Todo poder autoritário leva um desejo de dominio e este desejo é precisamente a antítese do progresso.  
ANSELMO LORENZO

DA ITALIA  
E VIVA A REPUBLICA!

Um grupo de viúvas de guerra juntamente com outro grupo de mutilados, em um dos últimos domingos, aqui em Roma, tiveram a idéia, incompatível com os tempos que correm, de sair á rua com flores e bandeiras nacionais e visitar o basar artistico denominado "Altar da Patria". Tinham a intenção de promover, em frente ao tumulto do soldado desconhecido, uma invocação á paz, do genero das que costuma fazer sua santidade por ocasião do fim de ano. E tanto bastou para que se vissem inesperadamente agredidas de uma forma selvagem por parte das forças armadas da policia.

Em cima daquele simbolico cavallo da sua estatua, Vitorio Manuel II observava a cena e parecia dizer: E bem feito! Quisestes a republica democratica e por cima cristã, ai a tendes!

Evidentemente, voltaram os velhos tempos em que bastava que quatro pessoas parassem a conversar em qualquer esquina da rua, ou que um modesto enterro de operario ousasse desembocar na Via Nazionale, para que um comissario de policia enrugasse a testa e um trombeteiro incitasse os agentes policiaes a atirar-se contra a gente que fugia temendo ser pisada pelas patas dos cavalariános. Mas então havia o comissario que acariciava a pança e existia o fascismo. A republica os suprimiu e fez uma constituição "liberal" que não admite nem mesmo que se perca tempo em saber o que acontece para manifestar o seu zelo á ordem publica.

As viúvas de guerra de amanhã, e os mutilados que voltarão da proxima guerra, ficam avisados, por esses acontecimentos de domingo, do que será também para elas, a gratidão da patria onde reina a democracia da cruz e do manganelo.

ORAZIO

Encendo Ideias...

"Na conciencia de todos aqueles que se dão ao trabalho de analisar o estado social presente, existe a convicção profunda de que todos os seus males só poderão terminar de facto se uma revolução universal se produzir que anule as instituições que sustentam as diferenças de classes e condições. Esta humanitaria revolução se propôs levá-la a cabo a Associação Internacional dos Trabalhadores, e, para conseguí-lo, considera que sendo o trabalho absolutamente necessario para a vida da humanidade, deve ser ele a base fundamental da Constituição social, e que os trabalhadores são os encarregados de sua realização, para o que se torna imprescindível que eles se organizem universalmente."

(Em um Congresso Anarquista de Barcelona, em 1876).

# MEDO DA LIBERDADE

e roubo não teria razão de existir se o produto roubado não representasse um valor aquisitivo. 75% dos crimes que aparecem nas crônicas policiaes de todo mundo têm origem no princípio da propriedade privada. O conceito de posse, que se estende até ao preconceito da familia, fornece os restantes 25% dos crimes chamados passionais. De maneira que, desaparecidas as causas, com o advento de uma sociedade sem Estado e sem propriedade privada, deixariam de existir, "ipso-facto", os efeitos consubstanciados nas desordens consequentes do desequilíbrio economico e social do capitalismo.

Basta que consideremos a vida dos povos ainda não contaminados pela

"civilização" capitalista, os índios do Brasil e os peles vermelhas do Oeste americano, para verificarmos que os crimes por roubo são ali inexistentes, e é insignificante a percentagem de crimes passionais entre eles. Roubar para quê e para quem, si toda a vasta região de que dispõem está coletivizada entre as diversas tribos que não necessitam de comprar produtos roubados e não dispõem de dinheiro para fazê-lo?

É claro que não se pretende, com a ausencia do Estado em regime comunista-libertario, transformar os povos "civilizados" em conglomerados humanos iguais aos dos povos indígenas que vivem sob a tutela dos chefes de tribos, embora livres de uns

tantos preconceitos adquiridos pelo homem em contato com o regime capitalista; ao contrario, o regime de liberdade preconizado pelos anarquistas baseia-se no aproveitamento de todas as energias humanas enriquecidas pelos conhecimentos científicos e artisticos de que o homem dispõe, produto das iniciativas e pesquisas ás quais é levado pela sua ancia de saber e descobrir, isto é, pela sua irreverente curiosidade! E este aproveitamento visa o bem estar de todos no sentido mais elevado da concepção de vida: liberdade e fartura. Quer dizer, ausencia de miseria e ausencia de coação.

A palavra Anarquia, que significa apenas ausencia de autoridade, não

pode e não deve ser tomada no sentido de desordem, mas na mais elevada expressão da ordem, porque corresponde á existência de um estado de coisas harmoniosas baseadas no princípio da solidariedade. É a ordem natural, não a ordem imposta; consciente, instintiva, produto de uma necessidade sentida pela coletividade para salvaguardar a sua existência livre, não fruto do medo á repressão e calculado nas paginas do Código Penal!

O receio que os adversários do anarquismo manifestam de ver a sociedade transformada em bandos de salteadores, com o desaparecimento do Estado, só pode ser explicado pelo complexo de inferioridade que o individuo adquire vivendo sob a tutela do Estado e em contato com os seus rolos compressores. Sente-se de tal forma diminuído, enxovalhado e insignificante, que não concebe a vida sem as complicações do mundo capitalista. E assalta-a, como se fosse uma coisa pavorosa, o medo da liberdade!

# A PLEBE

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1951

ANO 33 — NUM. 31 (Nova fase)

## DESFILE DE FARRAPOS HUMANOS!

CRIANÇAS MORRENDO DE FOME E CASOS DE LOUCURA NA TRAGEDIA DO IMIGRANTE NORDESTINO — UM PROBLEMA QUE SE ARRASTA SEM SOLUÇÃO HÁ VARIOS ANOS



Que perspectiva terá a vida para crianças famintas que ao lado das mães sofrem as humilhações da mendicância nas vias publicas? Perspectivas negras, de miséria e sofrimento, de abandono e sujidade, em contraste berrante com a impo-nencia dos arranhacús e o delirio luxurriante dos letreiros luminosos que enfeitam de gala a cidade

de que é o "maior centro industrial da América do Sul"!

A gente passa e a pobre mãe que veio na leva de imigrantes nordestinos, vestindo ainda os trapos cõr de terra com que de lá saiu, acompanha com o olhar suplicante os transeuntes que se esquecem de atirar-lhe uma "esmolinha por amor de Deus"!

Já nos temos referido varias vezes ao trágico desfile de farrapos humanos que se nos depara nas imediações da estação do Norte (Presidente Roosevelt), sempre que uma leva de imigrantes nordestinos chega a São Paulo. Quadros con-frangedores de miseria humana, de sordidez e indigencia, podem ser contemplados em quase todas as ruas da capital bandeirante, desta grande cidade cheia de arranhacús e de anuncios coloridos que dançam a sinfonia da riqueza. Crianças sujas vestidas de trapos agarradas aos trapos sem cor das saias das mães, figuras esqueléticas de mulheres em cujas faces a miséria imprimiu o ritus da tragedia e do sofrimento, vadiando átoa pelas ruas tm busca de um miserável cruzeiro que lhes mate a fome; homens que mais parecem fantasmas da dor, moços envelhecidos pela miséria curtidora nos sertões sem vida do nordeste que vêm atraídos pelas fulgurações furta-cores da cidade trazendo atrás de si, como lastro de vergonha e indigencia, a mulher e os filhos, e que ao chegarem aqui, quando não morrem de fome no caminho ou não sejam presas da loucura pelo sofrimento causados por uma viagem sem conforto, se atiram á rua a mendigar expondo a sua miséria nua nas calçadas e esquinas dos viadutos, confiados na generosidade dos que passam ou no pavor que a sua miséria inspira.

Não exageramos na pintura deste quadro doloroso. Ao contrario, falta-nos a capacidade descritiva capaz de traduzir o realismo cru dessa tragedia que começa todos os dias e não tem fim; que se arrasta há varios anos sem solução nesta pletera de vida e esbanjamento de milhões na propaganda eleitoral e na ostentação do poder do Estado. Ainda há pouco tempo, os vespertinos desta capital noticiavam, em suas manchetes sensacionais, um fato ocorrido na estação de Taubaté com um trem de retirantes nordestinos. Transcrevemos do "Diário da Noite", de 12-2-51, o significativo trecho de sua reportagem sobre o trágico acontecimento, que se deve á imprevidencia do Estado e á incapacidade das autoridades em solucionar o angustiante problema do Nordeste:

MORREU DE FOME

A falta de asseio e de água nos carros aumentava a triste situação dos retirantes. Disseram á nossa reportagem que estavam viajando há mais de 40 horas. A estação de Taubaté foi teatro de um drama da vida do retirante nordestino. Ali, sem que lhe fosse prestado qualquer auxilio, veio á falecer uma criança com 1 mês e 7 dias de idade,

de nome Aristides Clementino Ferreira, filho de Vicente Pedro Ferreira e Francisca Clementina da Silva, vindos do Sitio Conceição, municipio de Satanapo, Estado do Ceará. A policia local compareceu na estação, fazendo imediatamente retirar a criança falecida no carro. A morte foi constatada pelo medico legista. O desenlace foi causado pela sub-nutrição da mãe da criança que se encontrava bastante abatida e fraca. Ainda um caso de loucura entre os retirantes, foi constatado, naquela noite, tendo a policia local tomada as necessárias providencias."

Mas não é apenas o imigrante nordestino que oferece todos os dias essa espantosa prova do desequilíbrio social da sociedade capitalista: quem se quiser dar ao trabalho de verificar o que se passa nas imediações das estações ferroviárias que dão acesso ás viagens para o interior do Estado, poderá constatar essa mesma miséria degradante nas familias de caboclos que abandonam o campo, fugindo á exploração que reina nas grandes fazendas e vem procurar nas fabricas uma nova forma de serem explorados que lhes permita, em todo caso, viver. E a tragedia dessa gente é igual á do imigrante nordestino: espera-se aqui a miséria, a prostituição, a degradação de carater nas pocilgas infetas e o crime!

A imprensa tem publicado reportagens ácerca da tragedia dessa gente que aqui aporta sem garantias de trabalho e sem quaisquer medidas de previdencia no sentido de lhes amenisar o sofrimento. Gente que se abandona á aventura de procurar meios de vida mais condizentes com as suas condições de seres humanos, muitas vezes iludidos por agenciadores de "braços para a lavoura", que lhes pintam o trabalho nas fazendas paulistas como se fossem verdadeiros paraísos, mas que, em contacto com a realidade, verificam que ainda conservam os métodos escravocratas do passado, quando os colonos uma vez contratados para o serviço da fazenda, nunca mais se viam livres das garras dos grandes fazendeiros, em vista do sistema de remuneração e fornecimento de generos alimenticios pelo armazem da fazenda, ao qual ficava sempre devendo.

Quando algum tentava abandonar a fazenda para tentar vida melhor, o que menos lhe podia acontecer era levar um tiro pelas costas ou suportar os maus tratos dos feitores.

Por isso é que, ao chegarem a São Paulo, os imigrantes nordestinos preferem morrer de fome na cidade, na esperança de algum dia poderem arranjar trabalho, a irem para o campo servir á exploração vergonhosa dos fazendeiros que ainda tem mentalidade de donos de senzalas.

Pensar que o Estado possa servir de escada, como intermediario, ao coletivismo, é desconhecer completamente a origem do poder

ANSELMO LORENZO

## A Ordem Burguesa...

UM "TIRA" QUE É MESMO DE BRIGA...

"Aduzindo Oribes é mesmo um "tira" que gosta de briga. As suas bravatas já estavam quase desaparecidas da cronica policial, quando ele resolveu festejar o fei-nado de Momo.

Isso foi no dia 4, á tarde. Em seu carro, em companhia de mais cinco colegas do Departamento de Investigações, foi para os lados de Santana, onde, na rua Carandiru, quase atropelou José Paulino, morador á rua Platau, 159, que acabava de sair do bar "Gasolina".

PROTESTOS

Como é natural, julgando imprudencia do motorista, José Paulino protestou. Mas o seu protesto custou-lhe caro, pois o Aduzindo, conhecido por "Tiroteio" foi ao seu encontro e a bofetadas levou-o para seu automovel. Ali estavam mais cinco companheiros daquele policial, que logo passaram a espancar a vitima.

Eram 15,30 horas e somente ás 17,30 horas, depois de ser surrado covardemente e de receber uma série de insultos, José Paulino foi solto na avenida Tiradentes.

Ontem, finalmente, com o corpo coberto de equimose, a vitima apresentou-se na 9.a Delegacia, onde prestou declarações no inquérito instaurado e foi submetido a exame de corpo de delicto."

(A Noite — 8-2-51)

É assim a ordem no regime capitalista; a ordem burguesa é esse paradoxo absurdo da autoridade...

## ESTRAGOS.

A HISTORIA DO CAFEZINHO

Foi prorrogado por mais 15 dias, a experiencia do aumento do cafezinho. (Dos jornais)

Quem no governo acredita, — E há por aí muita gente — Não percebe que é só fita Essa manobra indecente!

A C. E. P. não consente — Diz ao povo quando apita — Que o cafezinho bem quente Seja uma droga maldita.

Se na casa dos 50 Os tubarões o desejam, A C. E. P. os contenta.

Mas, por favor, se isso almejam, — Nessa experiencia os alenta — Não façam que os outros vejam...

FREI JOÃO SEM CUIDADOS.